

NORMAS DE COLOCAÇÃO DOS PRONOMES CLÍTICOS EM PORTUGUÊS

Elisabeth Silva de Vieira Moura (UFRN)
bbethcassiel@hotmail.com

Introdução

Esta pesquisa tem por objetivo fazer um levantamento bibliográfico sobre algumas mudanças na posição dos clíticos na gramática do português brasileiro (PB), tendo por base os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista. Inicialmente, faremos uma breve contextualização dos autores e obras que deram suporte ao nosso estudo (Martins, 2012; Schei, 2003), depois traremos seus resultados sobre os padrões de colocação dos pronomes clíticos nos complexos verbais (V¹V²). Além de trazeremos as considerações dos linguistas citados sobre o contexto de colocação pronominal estudado, observaremos o que dizem quatro gramáticas tradicionais muito utilizadas por estudiosos em geral, a saber: a Moderna gramática portuguesa, de Celso P. Luft (2002); a Moderna gramática portuguesa, de Evanildo Bechara (2003); a Nova gramática do português contemporâneo, de Cunha e Cintra (2008) e a Gramática normativa da língua portuguesa, de Rocha Lima (2010). Sendo assim, faremos uma comparação entre os padrões idealizados e os padrões reais de uso da colocação dos pronomes clíticos.

1. Contextualização sobre autores e obras estudados

Nesta segunda seção, primeiramente traremos as considerações e os resultados de pesquisas de dois linguistas que estudam os padrões de colocação dos pronomes clíticos no Brasil: Schei (2003), em *A colocação pronominal do português brasileiro: a língua literária contemporânea*; Martins (2012), em *A colocação de pronomes clíticos na escrita brasileira: para o estudo das gramáticas do português*.

Segundo Schei (2003), há muitas semelhanças entre a colocação pronominal no PB falado e no PB literário, e ambas as modalidades diferem, por conseguinte, do modelo de colocação apresentados pelas gramáticas (p.155). Schei analisa seis romances de autores brasileiros publicados nas três últimas décadas do século XX¹. Quando a análise do seu *corpus* se refere às formas verbais finitas, a linguista se detém nos contextos em que há maior variação, os contextos neutros, são eles: início de período, início de oração assindética, início de oração intercalada de citação, depois de pausa, oração coordenada à oração principal, e sujeito sem fator de próclise; e nos casos em que o verbo é precedido de advérbio e em orações subordinadas. As formas verbais com as quais pode ocorrer mesóclise, Schei analisa separadamente. A autora analisa também os complexos verbais, considerando-os construções de dois verbos com o mesmo sujeito e com um pronome clítico que é objeto do verbo principal. (SCHEI, 2003, p. 213). Schei chama de auxiliares todos os primeiros verbos do complexo.

¹ *Confissões de Narciso* de Autran Dourado, publicado em 1997; *Vastas emoções e pensamentos imperfeitos* de Rubem Fonseca, em 1988; *Exílio* de Lya Luft, em 1988; *Enquanto o tempo não passa* de Josué Montello, em 1996; *Dôra, Doralina* de Raquel de Queiroz, em 1975; e *Os voluntários* de Moacyr Scliar, em 1979.

Martins (2012) pesquisa sobre diferenças sintáticas entre o PB e o PE, e a implementação da próclise em textos de brasileiros, assumindo, com outros autores, que o século XIX marca um momento de mudanças sintáticas significativas que distanciam as gramáticas do PE e do PB contemporâneos, embora já se atestem, desde o século XVIII, construções características de uma gramática vernacular brasileira, ou seja, construções que não foram encontradas em nenhum outro momento na história do português. Martins observa, em seu *corpus* constituído de vinte e quatro peças de teatro escritas por brasileiros nascidos no litoral de Santa Catarina entre os séculos 19 e 20² os padrões de variação e não-variação da posição dos pronomes clíticos.

Além de trazermos as considerações dos linguistas citados sobre o contexto de colocação pronominal estudado, observaremos o que dizem quatro gramáticas tradicionais muito utilizadas por estudiosos em geral, a saber: a *Moderna gramática portuguesa*, de Celso P. Luft (2002); a *Moderna gramática portuguesa*, de Evanildo Bechara (2003); a *Nova gramática do português contemporâneo*, de Cunha e Cintra (2008) e a *Gramática normativa da língua portuguesa*, de Rocha Lima (2010).

Para uma contextualização rápida dos padrões apresentados nestas gramáticas, Luft (2002), diferenciando-se dos demais gramáticos, diz se basear na variedade brasileira da língua portuguesa. Além das regras gerais de colocação, aponta o que é recomendável na língua culta e na língua coloquial e mostra diferenças entre o PB e o PE: a próclise ao verbo principal nas locuções verbais e a ausência da mesóclise na fala do Brasil. Luft também critica a condenação da colocação pronominal brasileira em gramáticas brasileiras.

Bechara (2003) trata o assunto em seu aspecto fonético-sintático e afirma que apontará as normas que são observadas na linguagem culta, escrita e falada. Diz ainda que, se não infringirmos os critérios apresentados, a colocação é uma questão de escolha pessoal. Em relação à colocação brasileira, há uma contradição na postura de Bechara: ele reforça a urgência de se combater a ideia de que a colocação brasileira é inferior à lusitana, porém, quando apresenta suas regras, a situação se inverte, as regras apontadas são relativas ao PE. Apenas num momento final de observação, ele cita algumas tendências do PB.

Cunha e Cintra (2008) reconhecem que há casos divergentes nas variedades portuguesa e brasileira. Em suas regras, assim como os gramáticos anteriores, apresentam a variedade lusitana, dedicando à variedade brasileira apenas um tópico no final da apresentação das regras recomendadas.

Finalmente, Rocha Lima (2010) descreve a língua baseado na linguagem literária. Refere-se a autores portugueses e brasileiros indiferentemente, sem apontar diferenças significativas entre o PB e o PE na modalidade literária.

² *A casa para alugar* (1867) e *Quem desdenha quer comprar* (1868), de José Cândido de Lacerda Coutinho (1841-1902); *Raimundo* (1868), de Álvaro Augusto de Carvalho (1829-1865); *Os ciúmes do capitão* (1880), de Arthur Cavalcanti do Livramento (1853-1897); *Um cacho de mortes* (1881), *Dolores* (1889), *O idiota* (1890), *Fatos Diversos* (1892), de Horácio Nunes (1855- 1919); *Brinquedos de Cupido* (1898), de Antero Reis Dutra (1855-1911); *A engeitada* (19??) de Joaquim Antonio de S. Thiago (1856-1916); *Hilda, a filha do suposto traidor* (1918), *Waltrudes, o nauta veneziano* (1918) e *A filha do operário* (1942), de Ildefonso Juvenal (1884-1965); *Ilha dos casos raros* (1928), de Nicolau Nagib Nahas (1898-1934); *A morte de Damão* (1954) de Ody Fraga (1927-1987); *O dia em que os porcos comerão sal* (1978), *A Estória* (1970), *Os Lobos* (1980), *Fragmentos* (1991) e *O que a vida vez de mim, de nós* (1996), de Ademir Rosa (1950-1997); *O dia do Javali* (1982), de Mário Júlio Amorim (1939-); *Flores de Inverno* (1992) e *As quatro estações* (1998), de Antonio Cunha (1961-); *Agnus Dei* (1994) de Sulanger Bavaresco (1969-).

2. Os padrões de colocação nos complexos verbais (V1V2)

Os complexos verbais são estruturas que se constituem de mais de um verbo, sendo que o último deles é uma forma não finita (infinitivo, particípio e gerúndio). O outro verbo é um verbo finito, ou seja, conjugável, que pode ser um verbo pleno que seleciona um argumento interno infinitivo (complexo bioracional) ou um verbo auxiliar. Segundo Perini (2002), são poucos os verbos auxiliares em português. Seriam eles: *ir* (+ infinitivo); *ter*, *haver* (+ particípio); *estar*, *vir*, *ir*, *andar* (+ gerúndio); *ser*, *estar* (+ particípio) nas construções passivas; e os modais e aspectuais *poder*, *dever*, *acabar de*, *deixar de*, *começar a*, *continuar a*, *ter de/que*, *haver de/que*, todos seguidos de infinitivo. Perini afirma que os auxiliares não apresentam traços próprios de transitividade, é o verbo temático (ou principal) que vai selecionar os argumentos verbais. Se o complexo tiver mais de dois verbos, o primeiro aparece conjugado e os outros seguem uma ordem rígida: *infinitivo ó gerúndio ó particípio*.

Quando se fala de colocação pronominal em complexos verbais, deixamos de ter duas variantes, como nos contextos anteriores, para termos, a depender do pesquisador, três: antes, no interior e depois do complexo; quatro: antes e depois do primeiro verbo, antes e depois do segundo verbo; ou cinco: antes e depois do primeiro verbo, antes e depois do segundo verbo, e uma colocação ambígua entre depois do primeiro verbo ou antes do segundo, conforme os exemplos abaixo:

(1) Três variantes:

- (a) Eu *lhe* quero encontrar. (posição pré-complexo verbal)
- (b) Eu quero-*lhe* encontrar./ Eu quero *lhe* encontrar. (posição intra-complexo verbal)
- (c) Eu quero encontrar -*lhe*. (posição pós-complexo verbal)

(2) Quatro variantes:

- (a) Eu *lhe* quero encontrar. (próclise a V1)
- (b) Eu quero-*lhe* encontrar. (ênclise a V1)
- (c) Eu quero *lhe* encontrar. (próclise a V2)
- (d) Eu quero encontrar -*lhe*. (ênclise a V2)

(3) Cinco variantes:

- (a) Eu *lhe* quero encontrar. (próclise a V1)
- (b) Eu quero-*lhe* encontrar. (ênclise a V1)
- (c) Eu quero muito *lhe* encontrar. (próclise a V2)
- (c) Eu quero *lhe* encontrar. (construção ambígua)
- (e) Eu quero encontrar-*lhe*. (ênclise a V2)

Sobre a realização dessas variáveis no PB, temos muitos estudos interessantes.

Schei (2003) afirma que, em geral, temos quatro possibilidades de colocação pronominal: próclise ou ênclise ao verbo auxiliar e próclise ou ênclise ao verbo principal. Fogem a essas possibilidades, as construções passivas com *ser* e *particípio*, as locuções em que o clítico *se* é indeterminador e a construção formada de auxiliar + *particípio*.

No *corpus* analisado, um dado interessante constatado em relação à próclise a V1 foi o de que os elementos que a motivaram com formas verbais finitas não foram os mesmos que motivaram a próclise a V1 nos complexos. Os elementos proclitizadores nos dados analisados foram, segundo Schei: ãnegação, advérbio proclisador, pronome indefinido, oração interrogativa iniciada por palavra interrogativa, oração subordinada e oração coordenada a subordinadaö (SCHEI, 2003, p. 216).

Sobre as posições intra-complexo, a pesquisadora afirma que a próclise ao verbo principal é uma inovação do PB. Quanto aos casos ambíguos, não é descartada a possibilidade de erro tipográfico, porém, a autora parte do pressuposto de que não haja erros no corpus analisado. A maioria dos casos de ênclise ao verbo auxiliar se deu em complexos formados de auxiliar + particípio e auxiliar + gerúndio; com auxiliar + infinitivo, essa colocação é quase inexistente. Então, a autora conclui que é o tipo de complexo que vai determinar se temos ênclise ao auxiliar ou não. Os complexos formados de auxiliar + particípio e auxiliar + gerúndio favorecem o uso do clítico junto ao auxiliar, seja encliticamente ou procliticamente, o que não ocorre com os complexos formados por auxiliar + infinitivo. Devido a essas particularidades da colocação dos clíticos a depender do tipo de complexo verbal, Schei analisa algumas construções complexas detalhadamente: as passivas formadas de *ser* + *particípio*, complexos com o pronome *se* indeterminador, e os outros complexos formados de auxiliar + particípio, auxiliar + gerúndio, auxiliar + infinitivo e auxiliar com preposição+ infinitivo.

Em relação às construções passivas com o auxiliar *ser* + particípio, a autora aponta escassez de análises específicas sobre esse tipo de construção, que é comumente incluída nas análises de locuções verbais com os auxiliares *ter* e *haver*, ou em análises de outras locuções verbais, como se não houvesse diferença. Segundo a autora, no PB, essas construções têm um comportamento particular: o pronome clítico está sempre proclítico ou enclítico a V1(*ser*), já nas construções de *ter/haver* + particípio, o clítico é comumente proclítico ao particípio, mesmo sem a presença de elementos que justifiquem a próclise. Eis os exemplos apresentados por Schei para mostrar essas diferenças:

(1) *ser* + particípio:

õ[...], parte do episódio do Sindicato dos escritores já *me fora contada* por Veronika ou por Gurian.ö (FONSECA, 1992, p. 158 *apud* SCHEI, 2003, p.219).

õMas esse *me foi entregue* à mão, de noite, no alpendre escuro.ö (QUEIROZ, 1989, p. 26 *apud* SCHEI, 2003, p.219).

(2) *ter/haver* + particípio:

õSerá que desconfiava que eu *havia me apoderado* ilegalmente das gemas?ö (FONSECA, 1992, p. 42 *apud* SCHEI, 2003, p.219).

õAcho que ainda não tinha se recomposto, [...]ö (QUEIROZ, 1989, p. 94 *apud* SCHEI, 2003, p.219).

Os dois últimos exemplos mostram que, mesmo com a presença de fatores de próclise, se deu a próclise ao verbo temático e não ao auxiliar. Já nos casos de *ser* + particípio, em todas as ocorrências no *corpus* analisado, foram encontradas somente próclises ao verbo auxiliar, tanto com fator de próclise como sem ele. Então é verificado que

- (a) Em casos sem nenhum fator de próclise, a próclise ao auxiliar pode ocorrer em *ser* + **part** mas dificilmente ocorre em *ter/haver* + **part**.
- (b) Em casos com um fator de próclise, a próclise ao auxiliar é categórica em *ser* + **part** mas nem sempre ocorre em *ter/haver* + **part**.
- (c) Na construção *ser* + **part**, quando o pronome está entre os dois verbos está sempre ligado ao auxiliar com um hífen (p. ex. *foi-me dado* e não *foi me dado*). (SCHEI, 2003, p.220).

Martins (2012), ao analisar os padrões de colocação pronominal em complexos verbais em peças teatrais brasileiras, extraiu uma amostra de 553 orações com cinco variantes para a colocação dos clíticos assim distribuídas: 155 estruturas de próclise a V1, 33 estruturas de ênclise a V1, 219 de ênclise a V2, 88 de estruturas ambíguas, ou seja, em que não há certeza se o pronome está enclítico a V1 ou proclítico a V2, e 58 estruturas com material interveniente entre V1 e V2, o que não deixa dúvidas de que o pronome está proclítico a V2.

Em relação ao primeiro verbo do complexo, o autor observou uma queda no uso de ênclises e um aumento no uso de próclises nos textos dos autores do século XX. Em relação ao segundo verbo do complexo, o autor também observou uma queda no uso de ênclises, e um aumento na variante inovadora do PB ó próclise a V2 ó nos textos dos autores do século XX; porém, afirma o autor que essa inovação já pode ser atestada em textos do século XIX. Comparando a próclise a V2 nos complexos verbais ao contexto de próclise em início de período, Martins considera que aquele não seria um contexto sociolinguisticamente marcado como este. Isso justificaria a maior recorrência de próclises a V2 nos complexos verbais que próclises em início de período. Listo, a seguir, alguns dos exemplos que o autor encontra, em sua análise, das cinco variantes:

(1) cl V1 V2 (próclise a V1)

- a) E agora ouçam mais: o patrão fez duas viagens conosco a Lisboa e ultimamente cai doente de bexigas, mas o Raimundo trata-o como filho, quando todos fugiam do pobre velho, com medo da peste: morre o velhote, que era pé de boi e nunca SE tinha atravancado com rabos de saia, com perdão da Sora Úrsula e do mais mulhierio... [CARVALHO, 1829]
- b) Se eu não tivesse hoje comido não O estava agora aturando! [COUTINHO, 1841]
- c) A escada podia ser mais curta... Apre! Fez-me cansar! (...) Sr. André Bastos!... Ainda não veio... Admira! Ele, tão pontual... Ter-lhe-á sobrevindo algum embaraço... Contudo não SE pôde demorar... Ecploremos no entanto meus futuros domínios... [COUTINHO, 1841](MARTINS, 2012, p. 174)

(2) V1-cl V2 (ênclise a V1)

- c) O que posso dizer-te é que ele mostrava ter-me amizade. Fazia tudo quanto podia para agradar-me. O meu médico tinha-ME aconselhado os passeios a cavalo. Como eu era muito medrosa, ele tomava-o pelas rédeas e ia comigo, a pé, léguas inteiras. Qualquer escravo da fazenda me poderia fazer esse serviço, mas ele não o consentia. [COUTINHO, 1841]

d) Ah, que se fosse em mim, tinha-A engolido sem achar uma espinha! [NUNES, 1855]

e) A insaciável ambição, os perversos instintos desse irmão roubaram-me tudo: a honra, o futuro e a adorada esposa e, sobretudo, a inocente filhinha! Minha filha! Em vão tenho-ME esforçado em procurar reconhecer o logar certo onde a confiei a Providencia. [THIAGO, 1856] (MARTINS, 2012, p. 175)

(3) V1 V2-cl (ênclise a V2)

a) Previno-te que o senhor D. Luis vem cumprimentar-NOS, e que pediu-me licença para apresentar-nos um amigo. [CARVALHO, 1829]

b) *Matilde* ó Porém... deze... Qual é o expediente que escolheste! / *Eugênia* ó Ei-lo; confessar-lhe tudo; dizer-lhe que não podes fazer a sua felicidade, nem recebê-la das mãos dele... Que o não amas e que amas a outro... Ele ama-te e tem um grande coração. Sofrerá, mas saberá calar-se. Partirá, deixando livre para entregar-se a outro esse coração que se fecha para ele. Bem o vês... Não pode ser mais simples, nem mais fácil... Quanto ao resultado, creio que posso assegurar-TO... [COUTINHO, 1841]

c) Com que então pretendende fazer-me engulir a pillula pouco a pouco, hein?... Não será má a pilula que vou administrar-LHES. [LIVRAMENTO, 1853] (MARTINS, 2012, p. 176)

(4) V1 cl V2 (construções ambíguas)

a) Chegue-se pra li! Quero LHE dizer quem sou eu, já que é tão esquecido: lembra-se do João André? [CARVALHO, 1829]

b) Nunca, impossível? Porque? Sim, porque? Isso é o que nós veremos... Oh, que idéia! Vou escrever ao vizinho Mathias. Elle disse que tinha um plano. Vou LHE pedir que venha quanto antes! [LIVRAMENTO, 1853]

c) Socorro! Socorro! Querem ME casar! Querem me casar! [NUNES, 1855] (MARTINS, 2012, p. 181)

(5) V1 (X) cl-V2 (próclise a V2)

a) Mas, senhor... Isso vai ME comprometer... e eu que espero... [COUTINHO, 1841]

b) *Silvério* ó Diz-ME uma cousa, Turibia; como é que este menino sahio assim ruivo, sendo eu tão moreno? / *Turibia* ó Não posso TE explicar! Caprichos da natureza! [LIVRAMENTO, 1853]

c) Pois bem, minha boa Clarinda. Estamos pobres. Não tenho TE dito para poupar te desgostos. Perdoa-me se é erro occultar a desgraça a quem amamos. [DUTRA, 1855] (MARTINS, 2012, p. 178).

Os exemplos de Martins aqui expostos só representam uma pequena parte de seu *corpus*. Com eles, fica clara a distinção das cinco variantes analisadas pelo autor.

Passemos agora para as regras apresentadas pelas gramáticas em relação aos complexos verbais.

Luft (2002) trata a questão de forma bem sintética. Afirma que o pronome pode apoiar-se tanto no verbo auxiliar quanto no verbo principal e que devem-se respeitar as regras para as construções simples. Logo após, traz os exemplos das quatro variantes:

cl V1V2	Eu lhe quero falar.	Eu lhe tenho falado.	Eu lhe estou falando.
V1-clV2	Quero- lhe falar.	(Eu) tenho- lhe falado.	(Eu) estou- lhe falando.
V1clV2	Quero lhe falar.	Tenho lhe falado.	(Eu) estou lhe falando.
V1V2-cl	Quero falar- lhe .	<i>inviável</i> : *Tenho falado- lhe .	(Eu) estou falando- lhe .

Quadro 1: Exemplos de colocação pronominal nos complexos segundo Luft (Adaptado de LUFT, 2002, p.40)

O gramático afirma que as construções V1-clV2 são tipicamente do PE e as construções V1clV2, tipicamente do PB. Nesse caso, a colocação brasileira de próclise ao verbo temático é aceita. O autor chama essa colocação de *ôpronome solto* entre dois verbosos (LUFT, 2002, p. 40).

Prosseguindo com as regras apontadas por Bechara (2003), vejamos o quadro abaixo que as sintetiza.

COMPLEXOS VERBAIS	
Auxiliar + infinitivo ou gerúndio	Auxiliar + particípio
- Próclise ao auxiliar; - ênclise ao auxiliar; - ênclise ao verbo principal.	- Próclise ao auxiliar; - ênclise ao auxiliar.

Quadro 2: Regras gerais de colocação dos pronomes clíticos em relação aos complexos verbais segundo Bechara (2003)

Em suas observações, o autor ainda afirma que a próclise ao verbo principal ocorre com muita frequência na fala dos brasileiros, mas que a gramática clássica ainda não aceita essa colocação, a exceção seria se o infinitivo for precedido de preposição. Ainda em relação às locuções com infinitivo, diz ser possível não seguir as regras das formas finitas simples que impossibilitam a posposição de pronome átono em orações subordinadas e com verbos modificados diretamente por advérbios ou precedido de palavra de sentido negativo. Traz dois exemplos para ilustrar tal afirmativa: *ôEu não quero falar-lhe./ Espero que não queira falar-lhe.ô* (p.590). Comenta também sobre as construções *há-se de + infinitivo* e *há de se + infinitivo*, afirmando ser esta última mais corrente no PB, e a primeira mais usada no PE.

Bechara ainda afirma, em um momento à parte intitulado *Posições fixas*, que com gerúndio precedido da preposição *em* e nas orações exclamativas e optativas, com verbo no subjuntivo e sujeito anteposto ao verbo, a tradição teria fixado a próclise.

Por Cunha e Cintra (2008), as regras apontadas para as locuções verbais são:

COMPLEXOS VERBAIS	
Verbo auxiliar + infinitivo ou gerúndio	Verbo auxiliar + particípio
- Ênclise ao infinitivo ou ao gerúndio; - próclise ao auxiliar; - ênclise ao verbo auxiliar.	- Próclise ou ênclise ao verbo auxiliar.

Quadro 3: Regras gerais de colocação dos pronomes clíticos em relação aos complexos verbais segundo Cunha E Cintra (2008)

Após exporem as regras de colocação nos complexos, em sua seção *A colocação dos pronomes átonos no Brasil*, os autores afirmam que a colocação pronominal brasileira se difere da portuguesa e, em alguns casos, se assemelha ao português medieval e clássico. Nessa seção, Cunha e Cintra explicam como exemplo de colocação do PB três casos, exatamente os três casos analisados por nós nesta pesquisa:

a) a próclise em início de oração (nesse caso, os autores destacam principalmente o clítico *me*). Os exemplos que ilustram o caso são:

ó **Me desculpe** se falei demais./ **Me arrepio** todo.ö (p.331).

b) a próclise em situações em que não há elemento proclitizador que justifique tal colocação (nesse caso, os exemplos são casos de próclise depois de sujeitos). Eis os exemplos:

ó Se Vossa Reverendíssima me permite, **eu me sento** na rede./ **O usineiro nos entregava** o açúcar pelo preço do dia, pagava a comissão e armazenagem e nós especulávamos para as praças do Rio e São Paulo./ ó A **sua prima Júlia**, do Golungo, **lhe mandou** um cacho de bananas. (CUNHA e CINTRA, 2008, p. 331).

c) a próclise ao verbo temático nos complexos, com os seguintes exemplos:

óSerá que o pai não **ia se dar** ao respeito?/ ó Não, não sabes e **não posso te dizer** mais, já não me ouves./ Outro **teria se metido** no meio do povo, teria terminado com aquela miséria, sem sangue./ Tudo **ia se escurecendo**.ö (p.331).

Ainda em relação aos complexos verbais, Rocha Lima (2010) separa as regras de acordo com a forma nominal apresentada pelo verbo temático. Esse autor, assim como os anteriores, não admite a colocação brasileira de próclise ao verbo temático, a menos que o verbo temático esteja no infinitivo precedido de preposição.

COMPLEXOS VERBAIS		
Auxiliar + infinitivo	Auxiliar + gerúndio	Auxiliar + particípio
- Ênclise ao infinitivo; - ênclise ao auxiliar; - próclise ao auxiliar; - próclise ou ênclise ao infinitivo precedido de preposição.	- Ênclise ao gerúndio; - ênclise ao auxiliar; - próclise ao auxiliar.	- Ênclise ao auxiliar; - próclise ao auxiliar.

Quadro 4: Regras gerais de colocação dos pronomes clíticos em relação aos complexos verbais segundo Rocha Lima (2010)

Assim como os demais gramáticos já citados, Rocha Lima abre uma seção, após suas regras, intitulada *Interposição do pronome átono*, na qual traz seus comentários sobre a próclise ao verbo temático nos complexos verbais. O autor afirma ser esse um caso de interposição do pronome oblíquo. O mais interessante, nesse caso, é que Rocha Lima diz que essa colocação é sintaxe brasileira que se consagrou na língua literária, a partir (ao que parece) do Romantismoö (p. 549), e traz muitos exemplos desse tipo de colocação em grandes autores de nossa literatura, porém não a admite em

suas regras, apesar de se propor a descrever a língua literária. Trago aqui os exemplos citados pelo autor:

O morcego *vem te chupar* o sangue. (José de Alencar)
(...) *estava se distanciando* da outra... (Visconde de Taunay)
Vais te perder! (Olavo Bilac)
E *foi nos mostrar* um álbum de pintura inglesa... (Rachel de Queiroz)
Estou me afogando... (Carlos Drummond de Andrade)
Como *teria se comportado* aquela alma de passarinho diante do mistério da morte? (Rachel de Queiroz)
Vivia sozinho, *não quisera se casar*. (José Lins do Rego) (ROCHA LIMA, 2010, p. 549).

Em suma, podemos afirmar que os complexos verbais apresentaram diversas possibilidades de análise e uma riqueza de detalhes que, certamente, sozinhos renderiam uma interessante pesquisa. O primeiro fato interessante na análise da variação da colocação pronominal neste contexto é que saímos de uma possibilidade binária de variação. Depois, encontramos três maneiras diferentes de analisar o caso: considerando-se três variantes, quatro variantes e, finalmente, cinco variantes. O tipo de complexo foi constatado como influente na escolha da colocação e a próclise ao segundo verbo do complexo é apontada como inovação do PB. As gramáticas tradicionais, porém, analisam a questão levando em consideração apenas o tipo de V2 e consideram um erro a colocação brasileira apontada pelos linguistas citados: a próclise a V2.

Conclusão

Contrariamente ao que dizem as gramáticas citadas, temos, pelo menos, duas novas gramáticas que sintetizam os resultados das diversas pesquisas linguísticas sobre o PB, confirmando, no caso da colocação pronominal, os resultados apresentados pelos linguistas citados. São elas a *Nova gramática do português brasileiro* de Ataliba de Castilho e a *Gramática do português brasileiro* de Mário Perini. Castilho (2010) aponta uma predominância da próclise no PB, diferente da colocação do PE, que é predominantemente enclítica. Aponta também que a colocação dos clíticos no decorrer da história do português sofreu variações, com predominância da ênclise até o século XVI, depois o domínio da próclise até o século XVIII e, posteriormente, no PE, um retorno do predomínio da ênclise. Perini (2010) também aponta como regra geral do PB a colocação do pronome oblíquo antes do verbo principal. Ele afirma que a posição normal do complemento ou objeto é depois do verbo, mas quando esse complemento ou objeto é um pronome oblíquo, sua posição é antes do verbo sempre. Os estudos de Schei e Martins mostraram, nos séculos XIX e XX, uma grande variação na colocação dos pronomes clíticos em complexos verbais, porém com significativo destaque para o crescimento da frequência de próclise a V2.

Já as gramáticas analisadas, em síntese, apontam, basicamente, as mesmas regras de colocação pronominal, apesar de Luft e Bechara se proporem a descrever o PB, e Cunha e Cintra e Rocha Lima descreverem tanto o PE quanto o PB. Algumas dessas gramáticas observadas dão a entender que o modelo de colocação pronominal exposto é o modelo de uma língua culta comum a Portugal e ao Brasil, mas quase todas

acrescentam separadamente algumas singularidades do PB. A maioria delas aponta como apenas uma possibilidade a próclise ao verbo principal nas locuções verbais e a ocorrência da próclise no início de período.

Embora as gramáticas analisadas apontem que há divergências entre o PB e o PE e procurem distinguir os casos em que essas divergências ocorrem, em suas regras gerais, os referidos gramáticos não fazem referências à linguagem literária contra a linguagem coloquial, nem apontam diferenças entre o PB e o PE, apontando a ênclise como regra básica, como posição normal para o uso do pronome clítico. Depois da exposição das regras gerais, normalmente em observações ou em notas de rodapé, apresentam a colocação pronominal brasileira e dizem que esta se difere da portuguesa principalmente na linguagem coloquial. Mostram também os três fatos característicos do PB estudados em nossa pesquisa: a colocação do pronome em início de oração, a preferência pela próclise de um modo geral, e a próclise ao verbo principal nas locuções verbais (fatos sempre reconhecidos, entretanto, não assumidos).

As regras de colocação pronominal apontadas pela gramática tradicional podem, em alguns casos, corresponder aos usos reais que os portugueses fazem dos pronomes, porém, pudemos perceber, após os estudos linguísticos apresentados, que não há, muitas vezes, correspondência dessas regras aos usos que os brasileiros fazem da colocação desses pronomes, reforçando a necessidade de conhecermos melhor as características do PB.

Referências bibliográficas

- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. 37. ed . rev . e ampl., Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2003.
- CASTILHO, Ataliba T. de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.
- CUNHA, Celso Ferreira da, CINTRA, Luís F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5. ed. ,Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.
- LUFT, Celso Pedro. *Moderna gramática brasileira*. 2 ed. rev. e atual. São Paulo: Globo, 2002.
- MARTINS, Marco Antonio. *A colocação de pronomes clíticos na escrita brasileira: para o estudo das gramáticas do português*. Natal: EDUFRN, 2012
- PERINI, Mário A. *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática normativa da língua portuguesa*. 48. ed. Rio de janeiro:José Olympio, 2010.
- SCHEI, Ane. *A colocação pronominal do português brasileiro: a língua literária contemporânea*. 2.ed.(revista) São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 2003.